



Edição 12 - Abril de 2017

# INFORMATIVO ESPECIAL

twitter.com/SistemaCNA  
facebook.com/SistemaCNA  
instagram.com/SistemaCNA

www.cnabrazil.org.br  
www.canaldoprodutor.tv.br

## As Escaladas Tarifárias no Comércio do Agronegócio com os Estados Unidos

### Introdução

A análise das escaladas tarifárias aplicadas pelos Estados Unidos às exportações do agronegócio brasileiro dá continuidade a uma série de estudos sobre barreiras tarifárias lançadas pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

**Este estudo tem como objetivo analisar as escaladas tarifárias que prejudicam o acesso de produtos do agronegócio brasileiro aos Estados Unidos.** As escaladas tarifárias são um tipo de barreira de acesso a mercado que afeta toda uma cadeia de produtos. Elas ocorrem quando um país aplica, aos bens processados, tarifas de importação superiores àquelas aplicadas aos seus respectivos insumos/matérias primas. Nesse sentido, quanto mais avançado o elo da cadeia de produção de um bem, mais alta é a tarifa de importação imposta sobre ele. O país importador prioriza, assim, o processamento de produtos em seu próprio território, reduzindo os preços dos insumos importados pela indústria. Enquanto isso, os produtos estrangeiros industrializados arcam com tarifas maiores e perdem competitividade naquele mercado.

Nas últimas décadas, o Brasil se tornou uma potência produtiva no campo. O produtor rural investiu, se profissionalizou e contribuiu diretamente para o desenvolvimento de agroindústrias voltadas ao processamento, agregação de valor e diversificação da produção nacional. As fábricas de alimentos e bebidas transformam matérias-primas agropecuárias em produtos para consumo intermediário ou final, aplicando mão-de-obra qualifica-

da, maquinaria, energia e conhecimento científico.

Os Estados Unidos, por sua vez, possuem a maior economia mundial, uma população vasta, renda média alta e um gigantesco mercado consumidor de bens e serviços. O país é uma potência industrial, inclusive no setor de alimentos. Em 2012, data do último Censo americano, esta indústria representou mais de 15% do valor dos embarques do país<sup>1</sup>. No mesmo ano, havia 26 mil estabelecimentos de processamento de alimentos e bebidas, empregando 1,4 milhão de pessoas<sup>2</sup>. Entre os subsetores que mais se destacam estão os de derivados de carne, lácteos, moagem de cereais e oleaginosas, frutas e vegetais em conservas, produtos de padaria, rações animais, açúcares e doces, e frutos do mar.

Mesmo sendo um grande produtor agropecuário, os Estados Unidos também dependem de importações para abastecer o seu mercado interno e a indústria processadora de alimentos. O país é o segundo principal comprador mundial de alimentos e oferece boas oportunidades para os exportadores brasileiros<sup>3</sup>. Em 2016, US\$ 6,26 bilhões em produtos do agronegócio foram embarcados do Brasil para os Estados Unidos, ou 7,37% do total exportado por esse setor brasileiro para o mundo. O país é o terceiro principal destino para os produtos brasileiros, atrás apenas da China e da União Europeia.

Brasil e Estados Unidos possuem sistemas de produção agropecuária muito

semelhantes, o que, por vezes, causa concorrência tanto no âmbito mundial quanto em seus próprios mercados. Por esse motivo, as exportações de diversos setores produtivos brasileiros enfrentam escaladas tarifárias. Neste estudo, serão analisadas as escaladas tarifárias de sete insumos<sup>4</sup> que servem como matéria-prima para, ao menos, 12 produtos processados, de acordo com a classificação da Organização Mundial do Comércio (OMC). Os sete insumos são responsáveis por US\$ 6,4 bilhões em importações pelos EUA do mundo, enquanto seus derivados processados somam apenas US\$ 1,7 bilhão anual no período analisado.

### Metodologia

A fim de analisar o uso de escaladas tarifárias por qualquer país, é necessário que haja clara definição do cálculo das escaladas e das metodologias utilizadas para a redução da amostra. A fim de identificar os produtos agropecuários que podem estar perdendo comércio devido a essa barreira, foi utilizada a lista de itens objeto de escalada tarifária do Anexo D do projeto de modalidades revistas da Organização Mundial do Comércio (OMC)<sup>5</sup>.

Os dados de comércio foram extraídos da ferramenta *Trade Map*, disponibilizada pelo *International Trade Centre* (ITC). Para cada produto, o estudo utilizou a média de importação e exportação entre 2013 e 2015 para evitar que os dados fossem influenciados por flutuações de mercado atípicas, sazonalidades ou eventos extraor-

<sup>1</sup> Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – Serviços de Pesquisa Econômica (ERS) <https://www.ers.usda.gov/topics/food-markets-prices/processing-marketing/manufacturing.aspx>.

<sup>2</sup> United States Census Bureau – Industry Snapshot: Food Manufacturing [http://thedataweb.rm.census.gov/TheDataWeb\\_HotReport2/econsnapshot/2012/snapshot.html?NAICS=311](http://thedataweb.rm.census.gov/TheDataWeb_HotReport2/econsnapshot/2012/snapshot.html?NAICS=311).

<sup>3</sup> Produtos descritos nos capítulos 01 a 24 do Sistema Harmonizado da Organização Mundial das Alfândegas.

<sup>4</sup> Consideramos “produto” a subposição (códigos a seis dígitos) do Sistema Harmonizado. Os capítulos (códigos a dois dígitos) do SH são chamados, neste estudo, são referidos como “setores”, e as posições (códigos a quatro dígitos), como “grupos”.

<sup>5</sup> A lista que consta do Anexo D do projeto de modalidades revistas da Organização Mundial do Comércio (OMC), de 6 de dezembro de 2008, está disponível em [http://www.wto.org/english/tratop\\_e/agric\\_e/agchairtxt\\_dec08\\_a\\_e.pdf](http://www.wto.org/english/tratop_e/agric_e/agchairtxt_dec08_a_e.pdf).

dinários em um ano qualquer<sup>6</sup>. Foi utilizada a metodologia das Tarifas Nominais. Assim, calculamos a diferença entre as tarifas (*ad-valorem* ou equivalentes *ad-valorem*<sup>7</sup>) de insumos e de seus respectivos produtos processados. A análise identificou que os Estados Unidos possuem pelo menos **93 casos** em que o produto processado do agronegócio está sujeito a tarifa mais alta do que o seu respectivo insumo.

A partir desses casos, foram aplicados dois cortes para definir quais produtos brasileiros seriam internacionalmente competitivos. Inicialmente, foram selecionados produtos para os quais o Brasil possui Vantagem Comparativa Revelada (VCR)<sup>8</sup> para os insumos, produtos processados ou ambos. Após esse corte, restaram **32 casos** de escaladas. Os casos em

que a escalada era inferior a cinco pontos percentuais foram filtrados, seguindo o recorte proposto em documento da OMC<sup>9</sup>. Após esses cortes, restaram **12 casos** de escaladas tarifárias que envolvem **sete insumos** diferentes. Esses são os produtos brasileiros que podem ter seu comércio com os Estados Unidos mais prejudicado pelas escaladas.

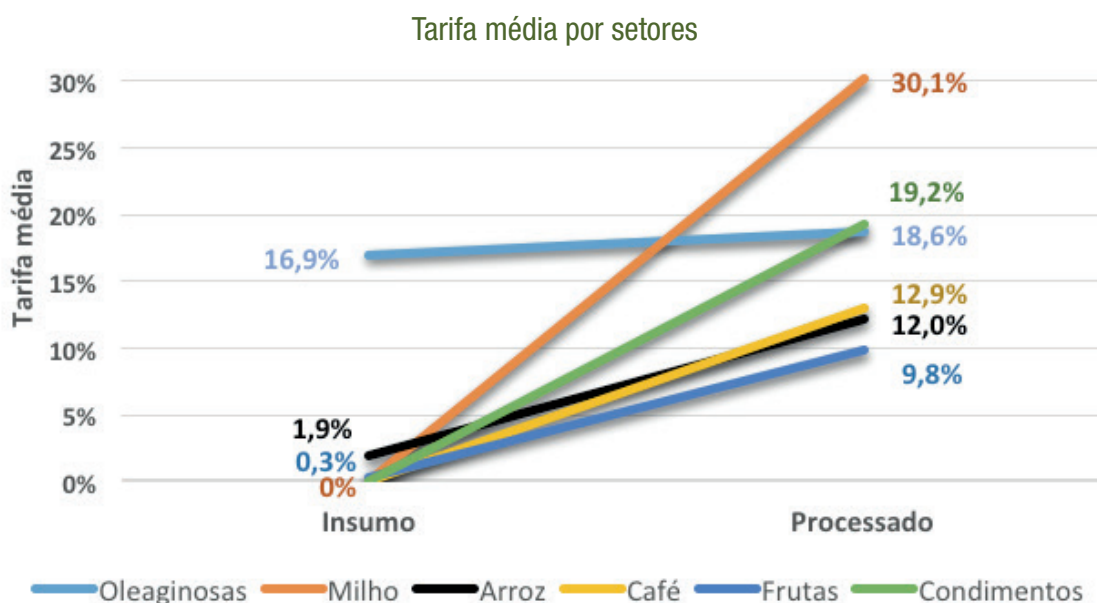
**Para mais informações sobre a metodologia e o resultado deste estudo, entre em contato com a Superintendência de Relações Internacionais (SRI) da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).**

## Análise

Entre os setores analisados, foram identificados casos de escaladas tarifárias em **frutas, café, oleaginosas, arroz, milho e condimentos**. O valor de comércio bil-

ateral dos insumos supera o de produtos processado em todos esses casos, exceto o de frutas. Isso pode ser influenciado, ainda que parcialmente, pela aplicação

de tarifas maiores a produtos processados frente a seus insumos.



Fonte: Tariff Analysis Online/OMC; Market Access Map/ITC | Elaboração: SRI/CNA

### 1. Frutas

A **fruticultura** é uma atividade de extrema importância para a geração de renda e o desenvolvimento econômico e agrícola do Brasil. Estima-se que a produção nacional de frutas alcance 44 milhões de toneladas na safra 2016/17.<sup>10</sup> Tal volume mantém o Brasil como o terceiro maior produtor, atrás apenas da China e da Índia.

Entre os segmentos que mais se destacam no Brasil está a **citricultura**, que inclui frutas como laranja, tangerinas, limas

e limões. Com área plantada de cerca de 1 milhão de hectares e geração de mais de 500 mil empregos apenas no estado de São Paulo, o setor é um dos mais organizados e competitivos, desde o produtor rural até a agroindústria. A laranja é o carro-chefe desse segmento, com produção nacional superando 18,2 milhões de toneladas, cerca de 35% da safra mundial (49,6 milhões de toneladas), segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Essa forte produção ajudou no desenvolvimento de elos

avanzados da cadeia, fazendo com que o Brasil também se tornasse o maior exportador de suco concentrado congelado de laranja.

Enquanto a cadeia da laranja brasileira desponta no mercado mundial, outras frutas cítricas veem sua competitividade ameaçada. Esse é o caso das limas e limões, frutas das quais o Brasil detém 3% das vendas globais, somando US\$ 82,88 milhões. Os Estados Unidos importam US\$ 362,5 milhões em limas e limões

<sup>6</sup> Até a elaboração deste estudo, os valores de comércio de 2016 ainda não tinham sido disponibilizados pelos países.

<sup>7</sup> Tarifas *ad valorem* são aquelas apresentadas como percentual do valor de importação de determinado produto. Para possibilitar a análise das escaladas tarifárias, impostos de importação definidos pela quantidade importada (tarifas específicas) foram transformados em tarifas *ad valorem*.

<sup>8</sup> O cálculo da Vantagem Comparativa Revelada, criado por Béla Balassa em 1965, permite identificar os produtos chamados de "parte forte de uma economia" e que, portanto, são aqueles que um país tem maior potencial de exportar.

<sup>9</sup> Unofficial guide to the 6 December 2008 'revised draft modalities' [https://www.wto.org/english/tratop\\_e/agric\\_e/ag\\_modals\\_dec08\\_e.htm](https://www.wto.org/english/tratop_e/agric_e/ag_modals_dec08_e.htm).

<sup>10</sup> Balanço 2016 Perspectivas 2017: Fruticultura - Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), dezembro de 2016.

ao ano, porém nada do Brasil. Cerca de 75% das compras americanas de limas e limões são em limão tahiti. Atualmente, o México é o grande fornecedor, respondendo por 88% do total importado pelos EUA. Além de se beneficiar de baixas tarifas, devido ao Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA, sigla em inglês), o México possui localização geográfica que permite que seus limões e limas cheguem com preço mais competitivo nos mercados dos vizinhos ao nor-

te. Além do México, Espanha e Turquia dominam o comércio internacional dessa fruta.

O Brasil é beneficiário do Sistema Geral de Preferências (SGP) dos EUA, por meio do qual o exportador brasileiro tem acesso a tarifas mais baixas. Limão tahiti e lima ácida fazem parte desse sistema e desfrutariam de tarifa zero no mercado americano. No entanto, há aproximadamente duas décadas que o Brasil tenta

exportar limão tahiti e lima ácida aos EUA, sem sucesso. A fruta fresca brasileira esbarra em barreiras fitossanitárias que a impede de chegar às prateleiras americanas. Segundo as autoridades do USDA, o mercado encontra-se fechado devido, principalmente, à presença de moscas das frutas nas áreas de produção brasileiras. Hoje, esta mesma praga também é responsável pelas restrições a outras frutas cítricas além do limão tahiti e da lima ácida.

Tabela 1 – Escaladas tarifárias para a fruticultura

Descrição	Tarifa de importação	Escalada tarifária - diferença entre as tarifas aplicadas (pontos percentuais (p.p.))	Comércio mundial (US\$ milhões)	Importações americanas do mundo (US\$ milhões)	Participação brasileira nas importações americanas	
					Média (2013-2015)	
Limas e limões, frescos ou secos ('080550)	0 – 2,3%	-	2.728,1	362,5	0%	3,04%
Doces, geleias, marmeladas, purês e pastas de cítricos ('200791)	0 – 11,2%	0 – 11,2	116,5	5,7	0%	0%
Sucos de outros cítricos, não fermentado, com valor Brix <= 20 ('200931)	0 – 8,4%	0 – 8,4	276,2	50,9	1%	0,5%

Fonte: Trade Map and Mac Map/ITC e Tariff Analysis Online/OMC | Elaboração: SRI/CNA

Mas as dificuldades de acesso ao mercado não se restringem às frutas frescas. Ainda que o Brasil tenha uma produção significativa de limão, as escaladas tarifárias no comércio exterior também têm dificultado o avanço da indústria processadora nacional. Por exemplo, o comércio internacional de **doces, geleias, marmeladas, purês e pastas de cítricos**, categoria que utiliza das limas e limões como insumo, está estimado em US\$ 116,5 milhões ao ano. Os EUA são responsáveis por 4,9% das importações e 6,1% das exportações mundiais desse item. O Brasil, por sua vez, obtém valores insignificantes com os embarques, tanto para o mundo quanto para os americanos. Ainda que alguns desses produtos, como as geleias e compotas de cítricos sejam beneficiários do SGP dos Estados Unidos, recebendo tarifa zero, outros, como as preparações cozidas de purês e pastas de cítricos, enfrentam tarifas de 11,2%, uma escalada tarifária significativa em comparação com a matéria prima, que enfrenta alíquotas de 0% e 2,3%.

Também foram identificados casos de **sucos de outros cítricos não fermentados** sujeitos a escaladas tarifárias nos Estados Unidos. O Brasil embarca

US\$ 1,4 milhão ao ano e 37,9% desse valor (US\$ 527 mil) tem como destino os Estados Unidos. Os EUA detêm 18% das importações mundiais desses sucos e, apesar de responderem por uma fatia grande das exportações brasileiras, o Brasil só ocupa 1% daquele mercado. É interessante notar que 93% das importações americanas são originárias de países desenvolvidos, como Reino Unido, Alemanha e Canadá, este que se beneficia de tarifa zero devido ao NAFTA. Nenhum desses países está entre os principais produtores de limas e limões frescos. Para o Brasil, a escalada chega a 8,4 pontos percentuais para sucos de cítricos com valor Brix menor ou igual a 20. Outro produto, os sucos de limão não fermentados, com valor Brix<sup>11</sup> menor ou igual a 20, indicados ou não para fins de bebida, não enfrenta tarifa devido ao SGP americano. Portanto, as escaladas tarifárias para alguns tipos de suco, bem como barreiras sanitárias que afetam o limão e lima fresca, têm dificultado o acesso do Brasil ao mercado americano.

## 2. Café

O **café** possui uma importância histórica para a sociedade brasileira, sendo gran-

de financiador da urbanização e da industrialização do país. Com o passar dos anos, a produção nacional acompanhou a demanda mundial (sempre crescente) por essa bebida<sup>12</sup>. O Brasil é o maior produtor e exportador de café, respondendo por aproximadamente 1/3 do total. Além da grande quantidade, o café brasileiro tem sido cada vez mais reconhecido pela qualidade e variedade, com forte produção tanto das espécies arábica quanto robusta.

O café brasileiro alcança hoje mais de 140 países, principalmente europeus e os Estados Unidos. Apesar de serem os maiores consumidores do mundo, os EUA não produzem quantidades relevantes de café verde (exceto em algumas áreas limitadas do estado do Havaí e no território de Porto Rico). Por esse motivo, o país recorre ao Brasil como seu grande fornecedor. No período analisado, o Brasil foi origem de 25% das importações americanas de café verde e os Estados Unidos o destino para 21% das exportações brasileiras.

Apesar da grande capacidade produtora e exportadora de café, 90% das vendas externas brasileiras são do grão verde e apenas 10% do café industria-

<sup>11</sup> O Brix (ou grau Brix) é uma unidade que expressa a quantidade de sólidos solúveis contida numa solução, como sucos. É utilizada para medir a quantidade de açúcar presente nessas bebidas.

<sup>12</sup> Miranda, Evaristo Eduardo. "Agricultura no Brasil do Século XXI", São Paulo, 2013.

lizado (solúvel, extratos, essências e concentrados de café). O grão verde brasileiro não está sujeito a tarifas de importação, o que permite que ele acesse o mercado em grande volume e num preço competitivo. Por outro lado, o café processado enfrenta altas tarifas, que dificultam sua exportação e

fazem com que o Brasil fique atrás dos concorrentes.

O Brasil tem menos de 1% de participação no comércio mundial de **preparações à base de extratos, essências e concentrados de café**. Suas exportações anuais somam US\$ 12,4 milhões, com

88% desse valor indo para a Argentina. Já os Estados Unidos importam US\$ 39,8 milhões desses produtos do mundo, e apenas US\$ 88 mil do Brasil. Os produtores brasileiros enfrentam escaladas tarifárias de até 12,9 pontos percentuais, o que limita qualquer potencial oportunidade de expansão do comércio.

Tabela 2 – Escaladas tarifárias para cafés

Descrição	Tarifa de importação	Escalada tarifária - diferença entre as tarifas aplicadas (p.p.)	Comércio mundial (US\$ milhões)	Importações americanas do mundo (US\$ milhões)	Participação brasileira nas importações americanas	Participação brasileira no comércio mundial
Café não torrado, não descafeinado ('090111)	0%	-	19.615,3	4.692,6	25,7%	27,5%
Preparações à base de extratos, essências e concentrados de café ('210112)	0 – 12,9%	0 – 12,9	1.665,2	39,8	0,2%	0,7%

Fonte: Trade Map and Mac Map/ITC e Tariff Analysis Online/OMC | Elaboração: SRI/CNA

Alguns tipos de preparações à base de extratos, essências e concentrado de café brasileiras enfrentam cotas tarifárias nos Estados Unidos. Esse é o caso de preparações com teor de açúcar acima de 10% de seu peso seco<sup>13</sup>. A quantidade total importada desses itens não deve exceder 64.709 toneladas no período de 1 de outubro e 30 de setembro. Tal cota é dividida por dez produtos, não necessariamente à base de café, como chocolates e outras preparações alimentícias com alto teor de açúcar, por exemplo. Essas prepa-

rações estão sujeitas a tarifa intra-cota de 10% e tarifa extra-cota de 30,5 centavos de dólar por quilograma mais 8,5%.

Os xaropes misturados à base de café contendo açúcares bem como as preparações à base de café com teor de açúcar acima de 65%, que forem susceptíveis a processamento ou a misturas com ingredientes similares e que não forem destinados à comercialização com o consumidor final possuem suas importações proibidas nos Estados Unidos.

Mas nem todas as preparações à base de extratos, essências e concentrados de café enfrentam barreiras proibitivas nos EUA. Algumas, por exemplo – aquelas importadas por agências do governo, para uso pessoal do importador, se não exceder 5 quilogramas, e se forem utilizadas como amostra em feiras e eventos com aprovação prévia do Secretário de Agricultura –, são beneficiárias do SGP americano e, portanto, não estão sujeitas a tarifas naquele país.

#### **CURIOSIDADE DO MERCADO**

***O mercado americano para café instantâneo ainda não está entre os maiores do mundo. Apesar de fortes campanhas publicitárias voltadas para a expansão do consumo nos últimos 10 anos, os consumidores estadunidenses ainda preferem o café fresco. O café instantâneo representa apenas 10% do mercado de café no país e manteve-se em níveis estagnados de crescimento ao longo dos últimos cinco anos.***

### **3. Oleaginosas**

Entre as sementes oleaginosas e seus derivados, há dois casos em que os Estados Unidos aplicam escaladas tarifárias a produtos processados da soja e amendoim brasileiros. A **soja** é o produto que mais gera receitas para o Brasil com o comércio exterior. O Brasil está no topo do mercado internacional, com 40% do valor das exportações do produto, ou US\$ 22,4 bilhões em vendas anuais. A produção de soja no Brasil está em vias de atingir níveis recordes na safra 2016/17, com um aumento esperado de 12,8% na produção a partir da safra anterior, chegando a 107,6 milhões de toneladas.

Os EUA possuem uma produção de soja semelhante à brasileira. O país é o maior produtor – com safra 2016/17 estimada em 117,2 milhões de toneladas – e segundo maior exportador. Ainda assim, os EUA importam US\$ 255,7 milhões em soja em grão do Brasil no período analisado, ou 32% das suas compras externas totais. A soja em grão nacional não enfrenta tarifas de importação naquele mercado.

No segmento de processados da soja, a realidade é diferente. A fim de proteger o mercado doméstico, os EUA impõem tarifa de até 19,1% sobre o **óleo de soja, bruto ou refinado**, importado do Bra-

sil. Segundo o USDA, o Brasil é o quarto maior esmagador de soja do mundo. Já os Estados Unidos consomem cerca de 9 milhões de toneladas de óleo de soja ao ano, o que faz do país o segundo maior consumidor desse produto, atrás da China. As importações representam cerca de 1% do consumo doméstico, somando 98,8 mil toneladas, ou US\$ 94,4 milhões. O Brasil, que exporta para o mundo US\$ 1,2 bilhão em óleos de soja ao ano, enfrenta limitações no mercado por causa da alta tarifa. Além disso, praticamente todas as importações deste óleo dos Estados Unidos vieram do Canadá e México, que se beneficiam de tarifa zero devido ao NAFTA.

<sup>13</sup> Essa cota regula as importações norte-americanas de produtos processados que contém teor de açúcar superior a 10% de seu peso seco.



Tabela 3 – Escaladas tarifárias para oleaginosas

Descrição	Tarifa de importação	Escalada tarifária - diferença entre as tarifas aplicadas (p.p.)	Comércio mundial (US\$ milhões)	Importações americanas do mundo (US\$ milhões)	Participação brasileira nas importações americanas	Participação brasileira no comércio mundial
			Média (2013-2015)			
Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura ('120190)	0%	-	55.344,4	797,0	32,1%	40,4%
Óleo de soja bruto ('150710)	19,1%	19,1	7.922,1	19,6	0%	13,8%
Óleo de soja refinado ('150790)	0 – 19,1%	0 – 19,1	1.661,2	74,8	0%	7,6%
Amendoins com casca, não torrados nem cozidos ('120241)	0%	-	243,2	0,027	0%	0,6%
Amendoins descascados, mesmo triturados ('120242)	131,8%	131,8	1.983,2	12,2	0,3%	5,2%

Fonte: Trade Map and Mac Map/ITC e Tariff Analysis Online/OMC | Elaboração: SRI/CNA

O Brasil está entre os 20 maiores produtores mundiais de outra oleaginosa: o **amendoim**. A produção anual brasileira está estimada em 393,5 mil toneladas e está concentrada no estado de São Paulo, responsável por aproximadamente 90% do total. O melhoramento genético de variedades rasteiras tem garantido maior produtividade das lavouras brasileiras<sup>14</sup>. Apesar da boa produção, o Brasil não costuma ser grande exportador de **amendoins com casca, não torrados nem cozidos**. A maior parte dos embarques diz respeito ao amendoim já beneficiado. Os Estados Unidos são os principais consumidores e exportadores líquido desse produto, com 50% do comércio mundial. Por serem um grande produtor e terem uma indústria processadora forte, os Estados Unidos não importam esse produto em grandes volumes, mesmo que sua tarifa seja zero.

A fim de proteger suas indústrias, os americanos mantêm um estrito regime de importação para amendoins. Os **amendoins descascados, mesmo triturados** brasileiros, produto beneficiado, enfrentam tarifa de 131,8%. Os EUA são os segundos principais fornecedores mundiais desse produto, atrás apenas da Índia. O Brasil ocupa a 6ª colocação, com vendas de US\$ 103,7 milhões ao ano para o mundo. Nos Estados Unidos, alguns desses amendoins, juntamente com outros quatro produtos, estão sujeitos à cota de 9.005 toneladas num período de 12 meses entre 1 de abril e 31 de março. A tarifa intra-cota é de 6,6 centavos de dólar por quilograma e extra-cota de 15,4 centavos de dólar por quilograma.

É importante mencionar que outros amendoins descascados são beneficiários do SGP dos Estados Unidos, que

reduz a tarifa de importação do produto brasileiro para zero. Apesar disso, não há registro de exportações brasileiras.

#### **CURIOSIDADE DO MERCADO**

*Após a Guerra Civil Americana, no final do século XIX, a demanda por amendoim aumentou rapidamente no país. O desenvolvimento de equipamentos para a produção, colheita e descasque, bem como técnicas de processamento da oleaginosa, contribuíram para a expansão da indústria. Isso resultou em um aumento expressivo na demanda por óleo de amendoim, amendoim torrado, salgado, manteiga de amendoim e outros. Atualmente, a maioria do amendoim colhido nos Estados Unidos é processada antes de chegar aos consumidores finais.*

## **4. Arroz**

A crescente demanda doméstica e internacional por **arroz** levou a uma melhoria das técnicas de produção na última década. Isso fez com que o Brasil passasse de um dos dez principais importadores de arroz na década passada para o oitavo principal exportador desse cereal. A produção nacional está estimada em cerca de 12 milhões de toneladas na safra 2016/17, sendo o estado do Rio Grande do Sul responsável por 71% do total. Entre os principais destinos do produto brasileiro destacam-se Serra Leoa, com uma aquisição de arroz quebrado, e Cuba, com aquisição de arroz polido.

Das quatro categorias ou variedades de arroz mais exportados, o **arroz com casca** representa apenas 4% da produção mundial. Ainda assim, o comércio internacional desse arroz gera aproximadamente US\$ 1 bilhão ao ano. O Brasil embarca US\$ 82,3 milhões em arroz com casca ao ano, tornando-se o quarto maior fornecedor desse

item. Os Estados Unidos são responsáveis por 56% das exportações mundiais de arroz com casca e não são grandes importadores do produto estrangeiro. Além disso, o país dificulta a entrada do arroz com tarifa de 1,94% sobre a importação.

O valor de comércio do arroz com casca é menos expressivo do que o de outros tipos de arroz, como o **arroz moído**, por exemplo. Isso se dá, principalmente, devido ao peso extra e os custos de transporte associados com as cascas e farelos não processados. No entanto, existem muitos usos para o arroz com casca na indústria de processamento de alimentos. Um dos produtos processados do arroz, as **preparações alimentícias obtidas de flocos de cereais e misturas**, possui um comércio global avaliado em US\$ 697,5 milhões anuais. O Brasil capta apenas 0,2% desse valor. Os EUA, que são os maiores importadores desses alimentos preparados, impõem tarifas de 5,6% a 14,9% sobre a mercadoria brasileira. Isto é, até 13 pontos percentuais acima do que é cobrado para o insumo.

<sup>14</sup> Observatório Agrícola - Acompanhamento da Safra Brasileira – Grãos V. 4 – Safra 2016/17 – N. 6 – Sexto levantamento. Março 2017

Tabela 4 – Escaladas tarifárias para arroz

Descrição	Tarifa de Importação (%)	Escalada tarifária - diferença entre as tarifas aplicadas (p.p.)	Comércio mundial (US\$ milhões)	Importações americanas do mundo (US\$ milhões)	Participação brasileira nas importações americanas	Participação brasileira nas importações americanas
Arroz com casca ('100610)	1,94%	-	994,8	0,067	0,0%	8,3%
Preparações alimentícias obtidas de flocos de cereais e misturas ('190420)	5,6 – 14,9%	3,7 – 13	697,5	61,8	0%	0,2%
Grumos e sêmolos de outros cereais ('110319)	0 – 9%	0 – 7,06	206,7	92,8	0%	0%

Fonte: Trade Map and Mac Map/ITC e Tariff Analysis Online/OMC | Elaboração: SRI/CNA

O mercado americano para preparações alimentícias obtidas de flocos de cereais é altamente competitivo, principalmente devido à grande produção doméstica. O país é o principal produtor e exportador da maioria desses cereais, incluindo arroz. Mesmo que os EUA tenham uma alta demanda pelos cereais, as importações são inibidas pela alta oferta doméstica.

Outro produto processado do arroz que enfrenta escalada tarifária nos Estados Unidos são **grumos e sêmolos de arroz**. Os grumos são grãos de casca de vários cereais – como aveia, trigo, enteio, cevada e arroz – muito utilizados em sopas, mingaus e salsichas. As sêmolos são obtidas a partir da moagem incompleta de cereais, sendo a parte nobre do trigo, milho ou arroz. Elas são utilizadas na culinária em geral, principalmente para o preparo de massas, pudins, cuscuz e para engrossar caldos e sopas. Os Estados Unidos são os maiores importadores desse produto, respondendo por 44,9% do comércio global. Praticamente 100% dessas compras são feitas do Canadá, maior exportador mundial do item e que desfruta de tarifa zero para chegar ao mercado americano. Apesar do grande potencial como produtor de grãos e cereais, a agroindústria brasileira não exporta esse produto, nem para o mundo e nem para os Estados Unidos. É importante mencionar que alguns grumos e sêmolos de ar-

roz são beneficiários do SGP dos Estados Unidos, que oferece redução tarifária ao produto brasileiro. O fato de o Brasil não exportar esse produto, nem para os EUA e nem para o mundo, pode ser um indicativo de que a escalada tarifária não é o principal fator inibidor de comércio.

## 5. Milho

O **milho** é o cereal de maior cultivo no Brasil, com produção estimada em 89 milhões de toneladas na safra 2016/17. Aproximadamente 25% dessa produção é destinada ao mercado externo<sup>15</sup>. O Brasil se tornou o segundo maior exportador de milho, responsável por 19% do volume e 17% do valor de comércio global. O volume de exportações brasileiras cresceu significativamente, principalmente a partir de 2012, quando os embarques passaram de 9,4 milhões de toneladas para 19,7 milhões de toneladas em apenas um ano. Essa força se dá, em grande parte, devido ao sistema de cultivo duplo conhecido como safrinha.

Assim como outros grãos, o milho brasileiro enfrenta forte concorrência com a produção doméstica americana. Os Estados Unidos são os líderes na produção e exportação deste cereal, respondendo por 30% do valor de comércio mundial. Suas vendas externas somam 34,7 milhões de toneladas, ou US\$ 8,5 bilhões ao ano. Ainda que o cereal brasileiro não

sofra com tarifas nos Estados Unidos, o volume importado pelo país anualmente é marginal (US\$ 462 milhões, ou 1,5% do comércio global de milho).

Ainda que a oferta doméstica dos EUA seja um dos principais fatores que contribuem para o baixo intercâmbio bilateral do milho, as escaladas tarifárias impostas aos produtos processados de milho restringem o comércio de itens de maior valor agregado. Esse é o caso de pelo menos dois produtos – **preparações para alimentação de crianças acondicionadas para venda a retalho e misturas e pastas, para preparação de produtos de padaria, pastelaria**.

O comércio internacional de preparações para alimentação de crianças é amplo e movimenta US\$ 8 bilhões ao ano. Os destinos para esse item também são diversificados: cerca de 23 países importam mais de US\$ 75 milhões ao ano. É importante notar, no entanto, que os principais exportadores são países desenvolvidos, incluindo os Estados Unidos. O Brasil exporta apenas US\$ 29,1 milhões, 0,4% do valor de comércio mundial. Ainda que o Brasil tenha participação de 4,5% nas importações americanas, as altas tarifas impostas ao produto brasileiro inibem o potencial de comércio ainda maior. Apenas 1% das exportações do Brasil vai para os EUA.

Tabela 5 – Escaladas tarifárias para milho

Descrição	Tarifa de Importação (%)	Escalada tarifária - diferença entre as tarifas aplicadas (p.p.)	Comércio mundial (US\$ milhões)	Importações americanas do mundo (US\$ milhões)	Participação brasileira nas importações americanas	Participação brasileira no comércio mundial
Milho, exceto para semeadura ('100590)	0%	-	28.784	462,0	23,0%	17,4%
Preparações para alimentação de crianças acondicionadas para venda a retalho ('190110)	14,9 – 33,6%	14,9 – 33,6	8.024	6,6	4,5%	0,4%
Misturas e pastas, para preparação de produtos de padaria, pastelaria ('190120)	0 – 26,6%	26,6	3.580	338,5	0,1%	0,2%

Fonte: Trade Map and Mac Map/ITC e Tariff Analysis Online/OMC | Elaboração: SRI/CNA

<sup>15</sup> Observatório Agrícola - Acompanhamento da Safra Brasileira – Grãos V. 4 – Safra 2016/17 – N. 6 – Sexto levantamento. Março 2017

Um entrave similar também afeta o comércio de **misturas e pastas para preparação de produtos de padaria**, outro produto processado que utiliza o milho como insumo. O comércio mundial desse item, estimado em US\$ 3,6 bilhões ao ano, é dominado por países desenvolvidos como União Europeia, Nova Zelândia e Estados Unidos. Os Estados Unidos possuem o mercado de importação mais lucrativo para esses produtos, respondendo por 9% das compras mundiais. O Brasil, por sua vez, responde por apenas 0,2% das exportações mundiais e 0,1% das importações dos EUA.

Alguns tipos de misturas e pastas para preparação de produtos de padaria – como aquelas com teor de açúcar acima de 10%, passíveis de processamento e que não forem destinadas à venda para o consumidor final na forma em que foi importada – enfrentam cota tarifária nos Estados Unidos. A quantidade total importada desses itens não deve exceder 5.398 toneladas no período de 1 de outubro e 30 de setembro. Essas preparações estão sujeitas a tarifa intra-cota de 10% e extra-cota de 42,3 centavos de dólar por quilograma mais 8,5%. Em outros ca-

sos, quando exporta para os EUA, o Brasil enfrenta tarifas que chegam a 26,6%. As tarifas que incidem sobre esses dois produtos processados do milho prejudicam as exportações e enfraquecem a indústria brasileira.

Mas nem todos os tipos de misturas enfrentam barreiras proibitivas nos EUA. Aquelas que são importadas por agências do governo, para uso pessoal do importador, que não excedem 5 quilogramas, e que forem utilizadas como amostra em feiras e eventos com aprovação prévia do Secretário de Agricultura –, são beneficiárias do SGP americano e, portanto, não estão sujeitas a tarifas naquele país. Mesmo assim, os embarques do Brasil têm sido irrisórios.

## 6. Condimentos

No setor de condimentos, foram identificados dois casos de escaladas tarifárias para produtos derivados do **gingibre**. O gengibre é amplamente utilizado pela indústria de processamento como matéria-prima para a fabricação de medicamentos, perfumes e até pesticidas. No setor de alimentos, o óleo e o extrato de

gingibre são utilizados como especiaria, na fabricação de produtos de confeitaria, balas, conservas e bebidas. Uma dessas famosas bebidas é o Ginger Ale, refrigerante de gengibre muito consumido nos Estados Unidos, popular em bebidas misturadas e às vezes usado como um substituto não alcoólico para champanhe.

O mercado mundial para especiarias vem crescendo de forma rápida e as oportunidades de negócios para países produtores de gengibre são cada vez mais promissoras. No Brasil, grande parte do cultivo de gengibre concentra-se na região sul e parte significativa da produção é destinada ao mercado externo. Atualmente, o país é o 8º maior exportador mundial do produto. Os Estados Unidos, por sua vez, são o principal importador de gengibre, responsável por 14% do comércio mundial, ou US\$ 102,6 milhões. O gengibre tem ganhado a preferência dos consumidores norte-americanos e já é uma das 12 especiarias mais consumidas no país. O Brasil é o terceiro principal fornecedor para aquele mercado, com embarques de US\$ 5,9 milhões ao ano. O gengibre brasileiro não enfrenta tarifas de importação.

Tabela 6 – Escaladas tarifárias para condimentos

Descrição	Tarifa de Importação	Escalada tarifária - diferença entre as tarifas aplicadas (p.p.)	Comércio mundial (US\$ milhões)	Importações americanas do mundo (US\$ milhões)	Participação brasileira nas importações americanas	Participação brasileira no comércio mundial
Gengibre, não triturado nem em pó ('091011)	0%	-	694,5	102,6	5,8%	1,4%
Produtos hortícolas, frutas e cascas conservados em açúcar ('200600)	0 – 16,0%	0 – 16,0	723,8	28,8	0%	0,2%
Outras frutas e partes de plantas, preparadas ou conservadas ('200899)	0 – 22,4%	0 – 22,4	2.857,0	965,7	0,6%	0,8%

Fonte: Trade Map and Mac Map/ITC e Tariff Analysis Online/OMC | Elaboração: SRI/CNA

Os produtos processados do gengibre, por outro lado, não têm a mesma facilidade de acesso ao mercado americano. Os produtos hortícolas, frutas e cascas conservados em açúcar são um exemplo. O comércio mundial desse produto gera US\$ 723,8 milhões em receita por ano. As exportações do Brasil para o mundo somam apenas US\$ 1,5 milhão ao ano, fazendo com que o país sequer esteja entre os 20 principais exportadores mundiais. Os Estados Unidos, por sua vez, são o terceiro principal importador, com compras anuais de US\$ 28,8 milhões.

Alguns tipos desses **produtos hortícolas, frutas e cascas conservados em açúcar**,

que podem utilizar gengibre como matéria-prima – como as frutas ou cascas de frutas, em misturas ou não, conservadas no açúcar – estão sujeitas a tarifas de até 16% nos Estados Unidos, o que afeta a competitividade do produto brasileiro.

Mas nem todos esses produtos enfrentam barreiras proibitivas nos EUA. A raiz de gengibre preservada por açúcar, por exemplo, é beneficiária do SGP americano e, portanto, não está sujeita a tarifas naquele país.

Outras frutas e partes de plantas preparadas ou conservadas também são produtos processados que utilizam o

gingibre como insumo e que estão sujeitos a escalada tarifária nos Estados Unidos. O comércio mundial desse item movimenta US\$ 2,9 bilhões ao ano. Com vendas de apenas US\$ 23,9 milhões, 0,8% do total mundial, o Brasil não está entre os maiores exportadores. Os Estados Unidos, por sua vez, estão entre os principais compradores e vendedores internacionais desse produto. No período analisado, as compras externas dos EUA somaram US\$ 965,7 milhões e suas vendas US\$ 184,4 milhões. México e Canadá, países que se beneficiam de tarifa zero no mercado americano, foram importantes fornecedores, respondendo por cerca de 30% das importações. No

entanto, nem todos esses produtos enfrentam barreiras proibitivas nos EUA. O gengibre doce, preparado ou conserva-

do, por exemplo, é beneficiário do SGP e conseqüentemente não está sujeito a tarifas de importação. Mesmo assim,

não há valores expressivos de vendas do Brasil para os Estados Unidos.

## Conclusão

Este estudo permite concluir que os Estados Unidos aplicam escaladas tarifárias para alguns produtos e setores do agronegócio. As altas tarifas impostas aos produtos agropecuários processados, especialmente àqueles também produzidos nos EUA, reduzem a competitividade brasileira naquele mercado. Essas escaladas também funcionam como um incentivo para que o Brasil continue concentrando seus esforços no cultivo de insumos, ao invés de desenvolver diferentes elos da cadeia de produção derivados do agronegócio.

As escaladas se tornam ainda maiores e mais proibitivas quando tarifas específicas ou cotas tarifárias são aplicadas – a exemplo de preparações de café e de amendoins. As altas tarifas para produtos do agronegócio, especialmente para processados, reduzem a competitividade de produtos brasileiros e inibem as exportações nacionais para aquele mercado. Esse efeito é ampliado pelos 14 acordos comerciais que os EUA já mantêm. A redução de tarifas para países concorrentes do Brasil, combinada à manutenção de picos e escaladas tarifárias aplicadas a produtos

do agronegócio nacional, prejudica a competitividade brasileira nos EUA.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) defende a celebração de acordo de livre comércio com os Estados Unidos para expandir o acesso de produtos do agronegócio brasileiro àquele país. Além de ampliar as exportações, tal acordo permitiria que as complementariedades entre os dois países aumentassem ainda mais, trazendo novos benefícios para a economia brasileira e para o consumidor americano. 🌱

### SUPERINTENDÊNCIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Lígia Dutra Silva

Kristen M. Hamel

Pedro Henrique de Souza Netto

Pedro Henriques Pereira